



IMAGEM E CONSTITUIÇÃO DO EU NA PSICANÁLISE

IMAGE AND CONSTITUTION OF THE SELF IN PSYCHOANALYSIS

SANTOS, José Luiz ¹

SCHMIDT, Paulo ²

PAULA, Monica Daniela Pacheco de ³

Resumo: Esse estudo tem por objetivo apresentar os principais aspectos relacionados a imagem e a constituição do eu na psicanálise, analisando como diferentes teóricos abordam esses conceitos e suas implicações para a psicologia e a psicoterapia. Metodologicamente, o estudo se classifica quanto à abordagem do problema como qualitativo, quanto aos procedimentos de pesquisa como bibliográfico e quanto aos objetivos como descritivo. Percebeu-se que, o corpo para a psicanálise não é o corpo biológico e sim o corpo erógeno de Freud, que em função da evolução do sujeito nos estádios de desenvolvimento, passa por quatro zonas erógenas em quatro regiões do corpo. A seguir foram apresentadas as principais concepções de imagem do corpo e constituição do eu, de acordo com os principais estudiosos do assunto na psicanálise, quais sejam, Freud, Lacan e Dolto. Assim, a revisão dos conceitos de imagem e constituição do eu na psicanálise e como esses conceitos foram desenvolvidos e aplicados por diferentes teóricos é de fundamental importância para a teoria psicanalítica, bem como para a prática clínica.

Palavras-chave: Imagem do corpo. Constituição do eu. Psicanálise. Identidade.

Abstract: This study aims to present the main aspects related to the image and the constitution of the ego in psychoanalysis, analyzing how different theorists approach these concepts and their implications for psychology and psychotherapy.

¹ Doutor em Economia. Mestre em Ciências Contábeis. Graduado em Ciências Contábeis, Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Letras - Português, Letras - LIBRAS, História, Matemática, Ciências Biológicas, Física e Direito. É diretor e professor na Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: joseluiz@saofranciscodeassis.edu.br

² Doutor em Controladoria. Mestre em Administração. Graduado em Ciências Contábeis, Pedagogia, Letras e História. Professor da Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: pauloschmidt@icloud.com

³ Mestre em Ensino na Saúde. Especialista em Psicopedagogia, Problemas do desenvolvimento na Infância e Adolescência, Educação Infantil: Práticas Pedagógicas, Supervisão, Inspeção e Gestão Escolar. Graduada em Psicologia, Pedagogia, Letras e História. Coordenadora e Professora do Curso de Psicologia da Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: psicologia@saofranciscodeassis.edu.br

Methodologically, regarding the approach to the problem, this study is classified as qualitative; regarding research procedures, as bibliographic; and regarding objectives, as descriptive. It was observed that, for psychoanalysis, the body is not the biological body, but rather Freud's erogenous body, which, due to the subject's evolution through the stages of development, passes through four erogenous zones in four regions of the body. Next, the main conceptions of body image and constitution of the ego were presented, according to the main scholars of the subject in psychoanalysis, namely, Freud, Lacan, and Dolto. Thus, the review of the concepts of image and constitution of the ego in psychoanalysis, and how these concepts were developed and applied by different theorists, is of fundamental importance for psychoanalytic theory as well as for clinical practice.

Keywords: Body image. Constitution of the ego. Psychoanalysis. Identity.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise surgiu no final do século XIX com Sigmund Freud, marcando uma revolução na compreensão da mente humana. A teoria psicanalítica aborda aspectos profundos da psique, como o inconsciente, a sexualidade e a dinâmica dos conflitos internos (Freud, 1923).

Freud descobriu o inconsciente através da análise dos sonhos, atos falhos e lapsos. Com a investigação sistemática, construiu uma teoria unificada da mente, demonstrando que a certeza da consciência não é verdadeira, porque a nossa vida intencional poderá ter outros “sentidos” que não o imediato.

Entre a certeza da consciência e o verdadeiro saber, instala-se o inconsciente, revelando um saber que não nos é dado, mas que deve ser procurado para ser encontrado.

A descoberta do inconsciente gerou um efeito radical no pensamento da época em todas as áreas da ciência.

Em relação ao entendimento do eu, Freud a partir de 1920, com a segunda tópica da psicanálise, amplifica o entendimento sobre o eu - que inicialmente era somente consciência - para um entendimento de que o ego, como representante da personalidade, é o eu do indivíduo.

O ego toma decisões e controla ações considerando as condições objetivas da realidade e se desenvolve desde o nascimento do sujeito.

Lacan, por sua vez, a partir de 1936, postulou uma nova abordagem, na qual o eu pode ser compreendido como a instância do imaginário, durante o estágio do espelho.

Por outro lado, em 1984, Dolto especifica diferenças fundamentais entre a imagem do corpo e o esquema corporal, no qual a imagem do corpo é o principal elemento na constituição do eu.

Para isso, esse artigo objetiva explorar a imagem e a constituição do eu na psicanálise, analisando como diferentes teóricos abordam esses conceitos e suas implicações para a psicologia e a psicoterapia.

A imagem e a constituição do eu são conceitos fundamentais na psicanálise que oferecem uma visão aprofundada sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana.

Estudar esses conceitos permite uma melhor compreensão das dinâmicas internas que moldam a identidade e a autoimagem dos indivíduos. A psicanálise, desde Freud até os teóricos contemporâneos como Lacan e Kohut, tem explorado essas dimensões para explicar como a personalidade se desenvolve e como o ego interage com o inconsciente e o mundo externo.

O estudo da imagem e da constituição do eu revela a evolução do pensamento psicanalítico ao longo do tempo. Desde o modelo estrutural de Freud até o estágio do espelho de Lacan e as teorias de Dolto, analisar essas contribuições teóricas oferece uma visão panorâmica do avanço do entendimento sobre a psique humana. Ajustar e integrar essas perspectivas históricas é essencial para uma visão abrangente e atualizada da teoria psicanalítica.

Um estudo sobre imagem e da constituição do eu justifica-se devido a relevância e a importância desses conceitos tanto para a teoria psicanalítica quanto para a prática clínica.

2 DESENVOLVIMENTO: A IMAGEM DO CORPO E A CONSTITUIÇÃO DO EU

2.1 Imagem e Constituição do Eu na Psicanálise - Aspectos Introdutórios

A imagem do eu e a constituição do eu são cruciais para a prática clínica. Problemas relacionados à autoimagem, identidade e conflitos internos frequentemente emergem no contexto terapêutico. Compreender como esses conceitos se manifestam e como podem ser trabalhados terapeuticamente é essencial para proporcionar intervenções mais eficazes.

O estudo desses conceitos pode levar a uma melhor compreensão dos desafios enfrentados pelos pacientes e auxiliar na formulação de estratégias terapêuticas mais adequadas.

2.1.1 Imagem e Constituição do Eu segundo Freud

A Psicanálise surgiu em 1900, com a publicação da primeira obra de Freud (1856-1939), A interpretação dos sonhos. Freud descobriu o inconsciente através da análise dos sonhos, atos falhos e lapsos.

Com a investigação sistemática, Freud construiu uma teoria unificada da mente, demonstrando que a certeza da consciência não é verdadeira, porque a nossa vida intencional poderá ter outros “sentidos” que não o imediato.

Abordar a constituição do eu na teoria psicanalítica envolve percorrer um caminho que Freud chamou de metapsicológica, ou seja, é um campo de estudo sobre as relações entre o inconsciente e a consciência, considerando um conhecimento psicológico na busca das dimensões tópica (lugar), dinâmica e econômica do psiquismo, o que quer dizer abordar uma teoria das localizações, dos domínios e das ações do psiquismo.

Pode-se iniciar este caminho da constituição do eu fazendo uma referência ao desenvolvimento do ser humano.

No nascimento humano, existe uma total impotência que impede o recém-nascido de experienciar um comportamento articulado, efetivo e eficiente, que é denominado de “estado de desamparo” assinalado por Freud no termo alemão *Hilflosigkeit*, que diz respeito à condição de alguém estar sem ajuda, sem socorro. De acordo com Feres (2009):

Tal impotência é tomada em duas vertentes: *motorisch Hilflosigkeit* (estado de desamparo motor) e *psychische Hilflosigkeit* (estado de desamparo psíquico). Do ponto de vista biológico (motor), temos a constatação da prematuridade do ser humano, quando do seu nascimento. Do ponto de vista psíquico, temos um aparelho que não é capaz de dominar o aumento de tensão.

É importante destacar que esse estado de desamparo que o ser humano experimenta ao nascer, compreende a sua total incapacidade de lidar com a abundância de estímulos e, com suas próprias forças, remover o excesso por meio

da satisfação. Essa é uma das principais tarefas atribuídas à psique, que o acompanhará ao longo de sua vida.

É nesse cruzamento entre uma progressiva invasão de estímulos e a sua inaptidão de evadir-se deles, por suas próprias forças, que o estado de desamparo se torna um constructo teórico, sendo essa posição, segundo Feres (2009), o requisito para o “tornar-se humano ou, simplesmente, para humanizar-se [...] a incapacidade do humano frente a si mesmo e frente ao mundo está intimamente ligada ao desamparo (Hilflosigkeit), que é a abertura à estruturação do psiquismo.”

Nesse estado de desamparo, pode-se imaginar uma situação com total inexistência de compreensões ou interpretações ou concepções, como se não existisse ninguém (nem corpo e nem psiquismo pré-estabelecido), e é este estágio, segundo Freud, que possibilita o caminho rumo ao campo do humano.

Para tanto, há a necessidade de que outro ser humano já instituído auxilie (em geral a mãe ou quem exerce o papel materno) para que o recém-nascido possa introduzir-se no mundo exterior que já existe, ou seja, possibilite o desenvolvimento do seu próprio eu (Feres, 2009).

A partir de 1920, com a segunda tópica de Freud, o termo “eu”, que inicialmente era a sede da consciência na primeira tópica que abrangia o consciente, pré-consciente e o inconsciente, no seu processo de identificação (com o outro) pode constituir-se com este traço, e ter uma alteração por essa imagem /referência desse outro.

Assim, o eu é a parte do que foi modificado pela interferência do outro, ou seja do mundo externo, por meio dos sistemas percepção-consciência.

Nesta sua segunda teoria do aparelho psíquico, Freud introduziu os conceitos de id, ego e superego para referir-se à estrutura da personalidade.

O id é a instância inconsciente, sendo o reservatório das energias psíquicas, onde se localizam as pulsões, os instintos, os desejos. São impulsos com uma torrente de energia ilimitada que exerce pressão contínua sobre a personalidade, cujo objetivo é a satisfação imediata para reduzir a tensão, pois é regido pelo princípio do prazer (a realidade impede esta descarga) e está presente desde o nascimento.

A realidade é representada pelo ego. O ego tenta equilibrar as demandas do id com as exigências da realidade do mundo externo e as ordens do superego. É a

instância que busca manter a segurança do indivíduo e ajuda na integração com a sociedade.

O ego é regido pelo princípio da realidade, sendo um regulador com as funções básicas de percepção, memória, sentimento e pensamento. Ele representa a personalidade, é o eu do indivíduo, que toma decisões e controla ações considerando as condições objetivas da realidade (sociedade) e se desenvolve desde o nascimento.

Durante o desenvolvimento da infância, outra instância da personalidade se forma: o superego. Com a internalização das proibições, dos limites e da autoridade imposta pelos pais e professores — em conformidade com a realidade.

Quando estas exigências sociais e culturais são internalizadas, ninguém mais necessita “dizer não”, a proibição já está dentro de si, o que gera muitos conflitos internos (Feldman, 2015).

Para Bock, Furtado e Teixeira (2001):

O ego e, posteriormente, o superego, são diferenciações do id, o que demonstra uma interdependência entre estes três sistemas, retirando a ideia de sistemas separados. O id refere-se ao inconsciente, mas o ego e o superego têm, também, aspectos ou “partes” inconscientes.

O ego e o superego são instâncias comportam as experiências pessoais de cada um e expressam o estágio de desenvolvimento que está no momento.

Em decorrência disso, o psicólogo deve investigar a história pessoal em relação à história dos familiares e dos demais grupos sociais, os quais também se inscrevem nos valores e crenças da sociedade que nos cerca.

2.1.2 Imagem e Constituição do Eu segundo Lacan

Posteriormente a Freud, a noção do eu, sua concepção, suas funções, teriam uma nova abordagem e interpretação.

Em 1936, Jacques Lacan (1901-1981), um dos psicanalistas mais contemporâneos, fez uma releitura da teoria freudiana e situou o eu como instância do imaginário, ou seja, no campo do desconhecido, da ilusão e da alienação, cuja fase denominou de “estádio do espelho”, o formador da função do eu.

O estágio do espelho ocorre entre os seis e dezoito meses, quando o bebê, diante do espelho, oportuniza um espetáculo fascinante, onde ainda não controla a marcha (parte motora) e nem possui uma postura equilibrada/ereta, mas com algum apoio de um andador, por exemplo, reconhece sua imagem quando está na frente de um espelho, sustentando sua postura.

Segundo Lacan (1998), o bebê “supera, numa azáfama jubilatória, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem.”

O termo usado por Lacan para definir esse momento-chave na estruturação subjetiva especular é “azáfama jubilatória” (*affairement jubilatoire*), que traz a marca justamente de um fazer, de um ato ou atividade.

Durante conferência no XVI Congresso Internacional de Psicanálise (Zurique, 1949), Lacan expôs sua tese sobre o estágio do espelho:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação [...] como a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (Lacan, 1998, p. 97).

Disso decorre, que o sujeito antevê, em uma ilusão, a sua maturação. Ao se reconhecer na própria imagem, existe um fascínio pelo que surge no espelho, um sorriso que indica o reconhecimento e ao mesmo tempo a busca de uma autorização quanto a esse reconhecimento, ou seja, ele busca algo fora do espelho, uma confirmação através do outro (que pode ser a figura materna) de que ele fez uma conquista de que aquela imagem é sua, mas tem que haver alguma coisa que venha de um outro lugar, que intervenha nesse autorreconhecimento.

Nesse sentido, o eu é o produto de uma identificação com o outro, de um reconhecimento de uma posição que antes era uma posição do outro.

Pode-se entender também que o espelho dessa experiência, não é simplesmente um espelho, mas tudo aquilo que é capaz de devolver para a criança a sua imagem, podendo ser uma superfície que possibilita que ela se reconheça e se distinga do outro, ou o grupo ou o olhar do outro.

Essa experiência se desdobra em muitas situações e se torna um modelo para seu corpo numa ilusão de unicidade, seu eu antes de sua determinação social. Todavia, essa forma total do corpo é concedida externamente, numa imagem que se torna também a base simbólica.

O estágio do espelho fundamentalmente trata do momento de constituição do eu, da identidade, do momento em que se estabelece a diferenciação entre o eu e o outro, em que ocorre também o delineamento das bordas e dos limites do nosso corpo.

Lacan retoma a teoria freudiana de como o eu é constituído, e o estágio do espelho demonstra que essa não parte de um amadurecimento biológico, mas se constitui pela intermediação de uma relação em que o eu se apresenta precipitado, como resultado. Com relação ao reconhecimento da própria imagem pela criança, Roudinesco e Plon explicam:

A criança se reconhece em sua própria imagem, caucionada neste movimento pela presença e pelo olhar do outro (a mãe ou um substituto) que a identifica, que a reconhece simultaneamente nessa imagem. Nesse instante, porém o eu [je] é como que captado por esse eu [moi] imaginário: de fato, o sujeito, que não sabe o que é, acredita ser aquele eu [moi] a quem vê no espelho (Roudinesco; Plon, 1998, p. 212).

2.1.3 Imagem e Constituição do Eu segundo Dolto

Em 1984, a psicanalista Françoise Dolto (1908-1988) apresenta uma nova visão sobre a imagem do corpo, trazendo a perspectiva de um registro do inconsciente como traço estrutural, como sendo uma parte da história emocional da relação do ser humano com o outro desde a sua concepção.

Essa concepção da imagem do corpo inconsciente caracteriza-a, segundo Amparo, Magalhães e Chatelard (2013), “como uma representação psíquica primária, precoce, sem figuração no instante em que é elaborada, só sendo possível sua representação num momento posterior.”

Dolto (1984) apud Leo e Vilhena (2010), especifica diferenças fundamentais entre a imagem do corpo e o esquema corporal. O esquema corporal caracteriza o indivíduo como representante da espécie humana, não importando o lugar, a época ou as circunstâncias em que vive.

É o esquema corporal que desempenha o papel ativo ou passivo da imagem do corpo, no sentido de que propicia a objetivação de uma intersubjetividade, de uma relação da linguagem com os outros.

Dolto (2008) caracteriza a imagem do corpo como sendo específica de cada indivíduo, estando associada ao sujeito e à sua história, sendo peculiar de uma libido em situação dinâmica, de um tipo de relação libidinal.

A imagem do corpo é inconsciente, podendo tornar-se em parte pré-consciente, apenas quando se vincular à linguagem consciente, em que são utilizadas as metáforas e metonímias relacionadas à imagem do corpo, tal qual as mímicas e na linguagem verbal.

A imagem do corpo é realizada como uma “rede de segurança languageira com a mãe”, nos diz Dolto (2008).

O pré-eu da criança advém na dialética presença-ausência materna, que é continuamente legitimada de uma percepção que é gradualmente concatenada com a presença prometida, esperada, reencontrada e pela memorização em linguagem.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA - IMAGEM DO CORPO E CONSTITUIÇÃO DO EU

Nas abordagens de Freud e Lacan, existe a análise da conexão do corpo com o eu e a sua influência no narcisismo e nas identificações primárias.

Segundo Amparo, Magalhães e Chatelard (2013):

[...] para que o sujeito possa, a partir dessa imagem, [...] existir como sujeito do desejo, sujeito falante e sujeito do inconsciente, é fundamental o cruzamento simultâneo entre a imagem especular e a palavra enquanto lei mediadora. [...] Dessa forma, haveria uma articulação do corpo com o espaço e a linguagem.

Na constituição do sujeito, o corpo é um elemento de fundamental importância no acesso ao mundo subjetivo, no atributo primordial de todo o ser humano - a sua subjetividade, conduzindo-o ao mundo afetivo e simbólico e sua conexão com a constituição psíquica e existencial.

Para Freud, o eu é antes de tudo um eu corporal, pois é a projeção de sua exterioridade. Ao nascer, a criança não distingue os limites de seu corpo, o que é interno ou externo, pois ainda está num estado de confusão.

A imagem corporal será construída a partir da percepção do seu corpo (mundo interior) e do mundo externo. No corpo biológico advêm as sensações externas e internas: tato, audição, olfato, paladar e visão. Como também as sensações de dor (nocicepção), o sentido de localização corporal (propriocepção).

Assim, a imagem do corpo, de acordo com Sigmund Freud está relacionada ao conceito de Ego. Freud introduziu o conceito de ego (eu) como uma das três instâncias da psique, juntamente com o id e o superego.

O ego é responsável pela mediação entre as demandas internas e as realidades externas, desempenhando um papel crucial na formação da imagem do eu (Freud, 1923).

Por outro lado, Jacques Lacan desenvolveu o conceito do "estádio do espelho", que descreve um estágio do desenvolvimento infantil em que a criança reconhece sua imagem no espelho e começa a formar uma noção de seu eu (Lacan, 1949). Esse processo é fundamental para a construção da identidade e para a relação do eu com o outro.

Em relação a imagem do corpo ela é um constructo psíquico que se forma por meio das experiências e das interações com o ambiente e com os outros. A percepção de si mesmo está intrinsecamente ligada às experiências precoces e às relações interpessoais (Kohut, 1971).

Por outro lado, Dolto (2008) apresenta uma nova visão sobre a imagem do corpo, trazendo a perspectiva de um registro do inconsciente como traço estrutural, como sendo uma parte da história emocional da relação do ser humano com o outro desde a sua concepção.

Essa concepção da imagem do corpo inconsciente caracteriza-a, segundo Amparo, Magalhães e Chatelard (2013), "[...] como uma representação psíquica primária, precoce, sem figuração no instante em que é elaborada, só sendo possível sua representação num momento posterior."

Já em relação a constituição do eu Freud descreveu diferentes fases do desenvolvimento psíquico (oral, anal, fálica) que influenciam a formação do eu. Cada fase traz desafios e conflitos que moldam a estrutura do ego (Freud, 1905).

O conceito de "estádio do espelho", segundo Lacan é crucial para a teoria lacaniana sobre a constituição do eu. Lacan introduz o estágio do espelho em 1949, propondo que a formação do eu começa com a experiência da criança ao reconhecer sua própria imagem em um espelho.

A identificação do sujeito com a imagem proporciona à criança transpor o momento pré-especular, com a imagem do corpo segmentado, constituindo uma subjetividade, pois a criança conquista nesse momento a autenticação e o reconhecimento dessa imagem como de um sujeito (Cukiert; Prizskulnik, 2002).

4 METODOLOGIA

O estudo realizado é classificado quanto aos seguintes aspectos: pela forma de abordagem do problema, de acordo com seus objetivos e com base nos procedimentos técnicos utilizados.

Quanto à abordagem do problema, a pesquisa, classifica-se como qualitativa, considerando que não utilizou nenhum tratamento estatístico para os dados coletados, buscando descrever a realidade do problema de pesquisa. Para Oliveira (2011), na pesquisa qualitativa os dados utilizados são, na sua maioria, descritivos, sendo que esse material é fundamentado em pessoas, imagens, desenhos, documentos, fatos históricos etc.

Quanto aos procedimentos que caracterizam a forma de executar a pesquisa, esse estudo se classifica como bibliográfica. Para Cervo e Bervian (2007), a pesquisa bibliográfica busca explicar um problema de pesquisa a partir de referências teóricas publicadas em documentos.

Em relação a pesquisa bibliográfica, Trujillo (1974), reforça um aspecto muito importante a ser considerado na sua condução, ao afirmar que ela não deve constituir-se em uma simples repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas sim propiciar o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Quanto aos objetivos a pesquisa se classifica como descritiva, pois objetiva apresentar as características do fenômeno pesquisado, sem a manipulação dos seus elementos formadores. Para Gil (2008), a finalidade da pesquisa descritiva é a “...descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Para a consulta aos trabalhos que fizeram parte da revisão da literatura, foi definida como estratégia de pesquisa a coleta em várias bases de dados *on-line* disponíveis para consulta, buscando atingir o objetivo do estudo. Como critério de seleção dos trabalhos foram utilizadas as palavras-chave definidas nesse estudo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos nessa pesquisa revelaram que a definição exata dos conceitos de imagem do corpo e da constituição do eu está em constante discussão nos meios acadêmicos e que teve inúmeras mudanças ao longo dos anos. Dessa forma, existem várias concepções sobre a constituição do eu, porém, em todas elas há uma estreita relação com a formação da identidade do sujeito na infância.

Constatou-se que nas abordagens dos autores estudados, existe a análise da conexão do corpo com o eu e a sua influência no narcisismo e nas identificações primárias.

Na constituição do sujeito, o corpo é um elemento de fundamental importância no acesso ao mundo subjetivo, no atributo primordial de todo o ser humano - a sua subjetividade, conduzindo-o ao mundo afetivo e simbólico e sua conexão com a constituição psíquica e existencial.

Em razão disso, foram analisadas as principais concepções de imagem do corpo e constituição do eu na psicanálise, quais sejam, a concepção de Freud, de Lacan e de Dolto.

Em relação a Freud, ele desenvolveu a teoria estrutural da psique, composta pelo id, ego (eu) e superego, sendo o ego responsável por mediar entre os impulsos do id e as exigências do superego e da realidade externa. Em relação ao desenvolvimento psíquico a formação do ego é influenciada pelas fases do desenvolvimento psíquico (oral, anal, fálica, latência e genital), sendo que cada fase apresenta desafios que moldam a estrutura do eu.

Além disso, Freud atenta para os mecanismos de defesa, segundo o qual o ego os utiliza (como a repressão, negação e projeção) para lidar com conflitos internos e externos, o que afeta a imagem do eu e a percepção de si mesmo.

Já Lacan introduziu o conceito do estágio do espelho, que descreve o momento em que a criança reconhece sua imagem no espelho e começa a formar uma noção de eu, sendo este estágio é crucial para a construção da identidade e está associado à formação do "eu imaginário".

Lacan distingue entre o eu imaginário (formado pela identificação com a imagem especular) e o eu simbólico (formado pela inserção na linguagem e na ordem simbólica).

Ademais, Lacan concebe o inconsciente estruturado como linguagem, propondo que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e que a formação do eu está influenciada pelas dinâmicas do desejo e da linguagem.

Por outro lado, Dolto enfatizou a importância da imagem corporal e da comunicação entre a criança e os pais para o desenvolvimento da identidade. Ela introduziu o conceito de "imagem do corpo" como central para a formação do eu.

Dolto destacou o papel das fantasias e das representações psíquicas na formação da identidade, segundo as quais as imagens mentais e os significados atribuídos a elas influenciam profundamente a autoimagem.

Além disso, segundo Dolto a qualidade da comunicação entre a criança e os pais, bem como a forma como as fantasias parentais são comunicadas, afeta a constituição do eu.

Assim, os resultados obtidos por meio desse estudo oferecem um fundamento vigoroso para compreender os principais conceitos sobre a imagem do corpo e a constituição do eu na psicanálise.

Em relação a convergência de ideia, todos os teóricos estudados destacam a importância da formação da identidade na infância, seja através do ego, do estágio do espelho ou da imagem corporal. A interação com figuras parentais e a internalização de significantes desempenham papéis centrais na constituição do eu.

Por outro lado, as principais divergências são que, enquanto Freud foca mais nos mecanismos de defesa e na estrutura do ego, Lacan enfatiza a importância do estágio do espelho e da linguagem na formação do eu. Dolto, por sua vez, coloca maior ênfase na imagem corporal e na comunicação familiar.

A análise dos resultados revela a complexidade da constituição do eu e a relevância dos conceitos de Freud, Lacan e Dolto. Cada teórico contribui com uma perspectiva única, e a integração dessas perspectivas pode oferecer uma visão mais abrangente e prática sobre a formação da identidade e a autoimagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve por objetivo apresentar os principais aspectos relacionados a imagem do corpo e a constituição do eu na psicanálise, adentrando dessa forma nas principais concepções sobre o tema de alguns estudiosos do assunto, isto é, na concepção de imagem e constituição do eu segundo Freud, concepção de imagem e constituição do eu segundo Lacan e na concepção de imagem e constituição do eu segundo Dolto, a partir desse referencial são verificados os impactos provocados na constituição da identidade do sujeito.

O estudo da imagem do corpo e da constituição do eu é de fundamental importância para a psicanálise por várias razões, todas elas ligadas à compreensão mais profunda e abrangente do desenvolvimento psíquico e das dinâmicas internas do indivíduo.

Ademais, o estudo sobre a imagem do corpo e da constituição do eu é essencial para a psicanálise porque oferece uma compreensão mais profunda do desenvolvimento psíquico, melhora o diagnóstico e o tratamento de transtornos psíquicos, e enriquece a teoria e a prática psicanalítica.

Esses conceitos ajudam a esclarecer como a identidade é formada e como pode ser afetada por experiências e relações interpessoais, proporcionando uma base sólida para intervenções terapêuticas eficazes e uma compreensão mais completa da psique humana.

Diante disso, a integração dos conceitos de Freud, Lacan e Dolto sobre a imagem do corpo e a constituição do eu enriquece a teoria psicanalítica e oferece uma base mais sólida para a prática clínica.

Por fim, destacar que a teoria fornece um arcabouço para entender a complexidade da identidade, enquanto a prática clínica se beneficia da aplicação desses conceitos na compreensão e tratamento dos pacientes.

Os resultados do estudo da imagem e da constituição do eu na psicanálise têm implicações práticas significativas para várias áreas da psicoterapia e da saúde mental. Em relação a prática clínica e terapêutica, compreender como a imagem do corpo e a constituição do eu se desenvolvem permite aos terapeutas abordar transtornos como anorexia, bulimia e dismorfia corporal de forma mais eficaz.

Além disso, problemas como transtorno de personalidade borderline e questões relacionadas ao desenvolvimento da identidade podem ser mais bem

compreendidos e tratados quando se tem uma visão clara sobre a formação e a estrutura do eu.

Sugere-se que pesquisas futuras explorem mais a fundo a relação entre a imagem do corpo e a constituição do eu, bem como investiguem a relação entre a formação da identidade do sujeito e a constituição do eu.

O estudo da imagem do corpo e da constituição do eu oferece novas perspectivas e possibilidades de pesquisa na psicanálise. Explorar como esses conceitos se relacionam com outras áreas, como a neurociência e a psicologia do desenvolvimento, pode levar a avanços significativos na teoria psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- AMPARO, D. M.; MAGALHÃES, A. C. R.; CHATELARD, D. S. O corpo: identificações e imagens. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 499-520, set./dez. 2013.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CUKIERT, M.; PRISZKULNIK, L. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 7, n. 1, p. 143-149, jan. 2002.
- DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FELDMAN, R. S. **Introdução à psicologia**. 10.ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.
- FERES, C. M. **A sombra do objeto**: considerações sobre a constituição do eu na psicanálise freudiana. 2009. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a sexualidade**. In: Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras. 1905.
- FREUD, S. **O Eu e o Id**. In: Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras. 1923.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LACAN, J. **Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je**. In: Écrits. Paris: Seuil. 1949.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, J. L.; SCHMIDT, P. PAULA, M. D. P. Imagem e constituição do eu na psicanálise. **RGSN - Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 134-149, jun. 2026.

LEO, A.; VILHENA, J. A dimensão corporal da experiência psíquica. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 151-170, jun. 2010.

KOHUT, H. **The analysis of the self**. New York: International Universities Press, 1971.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão (GO): Universidade Federal de Goiás, 2011.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TRUJILLO, F. A. **Metodologia da ciência**. 3.ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.